

## TRANSFERÊNCIAS LEXICAIS NA FALA BLUMENAUENSE: UMA ANÁLISE DO TÓPICO CONVERSACIONAL<sup>16</sup>

Tatiana Schwochow PIMPÃO<sup>17</sup>

**Resumo:** Valendo-se de um aparato teórico que ressalta a transferência lexical como um processo natural em situações de contato linguístico e de bilinguismo, este artigo, a partir de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas coletadas na cidade de Blumenau/SC, correlaciona o léxico ao contexto conversacional. Nesse sentido, os objetivos são os seguintes: i) identificar as transferências observadas na fala dos blumenauenses e ii) explorar a relevância do tópico conversacional para o emprego de determinadas palavras de origem alemã.

**Palavras-chave:** Transferências lexicais. Tópico conversacional. Contato alemão-português

**Abstract:** *Based on theoretical background that highlights the lexical transfer as a natural process in situations of language contact and bilingualism, this article, based on data extracted from sociolinguistic interviews collected in the city of Blumenau / SC, correlates the lexicon to the conversational context. In this sense, the objectives are: i) identify the transfer observed in the Blumenauense speech and ii) explore the relevance of the use of certain German words to conversational topic.*

**Keywords:** *Lexical transfer. Conversational topic. German-Portuguese contact.*

### Introdução

Na década de 1950, era comum vincular o bilinguismo a patologias. Nessa época, os empréstimos lexicais, bem como os empréstimos na estrutura da língua, eram considerados negativamente, como se o indivíduo tivesse algum problema intelectual por *misturar* dois códigos linguísticos. Até mesmo a terminologia, *mistura* e

---

<sup>16</sup> Agradeço à orientação e às sugestões da Prof<sup>a</sup> Edair Görski, bem como aos comentários do Prof. Felício Margotti.

<sup>17</sup> Doutoranda em Linguística na UFSC; área de especialidade: Teoria da Variação e Mudança.

*interferência*, ilustra, claramente, a visão dos teóricos acerca do bilinguismo ou do plurilinguismo.

Weinreich (1953) representa essa tendência de pensamento, afirmando que, quanto maior for o número de formas exclusivas de cada sistema da língua, maiores serão os problemas de aprendizagem, portanto maiores serão as possibilidades de interferência nos domínios mais estruturados da língua: interferência no sistema fonético, morfológico e sintático, assim como em algumas áreas do vocabulário.

Ainda assim, Weinreich (1953) tem o mérito de ter observado a interferência de fatores extralinguísticos no processo de empréstimos, sejam esses fatores de ordem social, sejam de ordem psicológica: proficiência em cada língua; especialização do uso de cada língua de acordo com o tópico conversacional e com os interlocutores; forma de aprendizagem em cada uma; atitudes em relação à cultura, ao bilinguismo e às línguas envolvidas; densidade do grupo bilíngue; dentre outros fatores.

Nesse aspecto, o autor é bastante enfático ao afirmar que linguistas que teorizam sobre as influências em uma determinada língua, negligenciando a importância de fatores psicológicos e sociais, tornam o estudo muito vago. Claro que há a possibilidade de uma pesquisa meramente linguística, mas um estudo que se proponha a apresentar a natureza da interferência de uma língua em outra não deve desconsiderar tais fatores externos. Os conceitos negativos associados ao bilinguismo encontram-se, em grande parte, na literatura alemã anterior a 1950. Naquela época, era comum traçar um perfil de um bilíngue da seguinte forma: calculista, desorientado, instável, mentiroso, superficial, pobre de sentimento, sem pátria, com inteligência abaixo da média. Atualmente, a associação de características como essas, referentes à personalidade, ao indivíduo bilíngue, já estão superadas, afinal, o comum, em muitas partes do mundo, é haver bilinguismo e, em outros lugares, multilinguismo (cf. KIELHÖFER e JONEKEIT, 1983).

Para não falar em interferência, que carrega um valor depreciativo, fala-se em *operações de transferência*, terminologia que faz repensar a alternância de códigos, passando esta a ser vista como uma estratégia de comunicação a favor do bilíngue. Em situações de transferência de código, o bilíngue pode optar por incluir em seu discurso palavras ou frases da sua língua materna como forma de marcar sua identidade, assim

como pode mesclar seu discurso com palavras ou frases de uma segunda língua, seja porque certas palavras inexistem na língua materna, seja porque deseja marcar uma posição de mais prestígio. Assim, fica claro que a alternância de código não é aleatória, ou estratégia de usuários preguiçosos, mas constitui forte evidência da atitude do falante em relação à escolha operada (cf. DE HEREDIA, 1989).

Seguindo essa visão associada de modo positivo ao bilinguismo, objetiva-se apresentar, no presente texto, ocorrências de transferências lexicais, identificadas na fala de entrevistados da cidade de Blumenau, correlacionando-as ao tópico conversacional. Esses informantes são, em sua maioria, bilíngues em algum grau, mas que têm no português a língua do superstrato. Altenhofen (2003) faz essa ressalva aos estudos lexicais: pesquisadores não somente devem se preocupar em descrever as transferências, mas também em correlacioná-las a outros níveis de análise e explorar as condições extralinguísticas que condicionem sua ocorrência.

Os dados são oriundos de 24 entrevistas da cidade catarinense de Blumenau, coletadas na década de 1990, que se encontram transcritas e armazenadas no Banco de Dados do VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil)<sup>18</sup>.

### **Bilinguismo em Blumenau**

Appel e Muysken (1992, p. 2) identificam três situações para o bilinguismo societal: na primeira, duas línguas são usadas, mas cada qual por um grupo diferente; nesse sentido, cada um é monolíngue em uma língua específica. Na segunda situação, todas as pessoas são bilíngues. A terceira consiste em um grupo monolíngue e outro bilíngue. É essa terceira situação que caracteriza os casos de migração no sul do Brasil. Especificamente na cidade de Blumenau, tem-se um grupo bilíngue português-alemão e outro grupo monolíngue português. A urbanização da cidade e a chegada de trabalhadores de outras cidades, que se instalaram definitivamente nessa cidade, contribuíram para o desejo e a necessidade de se aprender a língua portuguesa.

A partir da análise do conteúdo das 24 entrevistas de Blumenau, é possível compreender, pelo menos em parte, a situação linguística da comunidade: são poucos os

---

<sup>18</sup> Embora os informantes estejam estratificados em sexo (masculino e feminino), idade (25-49 e acima de 50) e escolaridade (primário, ginásio e colegial), este estudo não objetiva o controle direto desses fatores sociais.

falantes de alemão e a geração mais nova não tem interesse em aprender a língua: os filhos mais velhos, em geral, sabem e falam, no entanto os mais novos entendem, mas respondem em português. No caso específico dos informantes considerados, a maioria deles é filho/neto de pais/avós que enfrentaram a repressão por serem falantes de alemão. Outros relatam que seus ascendentes, e às vezes eles próprios, encontraram dificuldade ao ingressar na escola sem ter o domínio da língua portuguesa. Para agravar essa situação, a escola teve papel decisivo na perda da fluência da língua de imigrante, pois responsabilizava a língua materna pelo fracasso dos alunos.

Muitos desses informantes (1-2-5-9-11-14-15-20-21-22-23)<sup>19</sup> enquadram-se em um bilinguismo denominado *precoce sucessivo*, caracterizado pela aprendizagem de uma segunda língua quando a criança ingressa na escola. Nesse tipo, é muito comum haver uma inversão de uso, pois, à medida que a criança se escolariza e se socializa, tende a abandonar a língua materna em favor da segunda língua, que passa a ser a língua do seu ambiente, dos seus amigos (cf. DE HEREDIA, 1989). Esse é o caso de muitos entrevistados: têm o alemão como língua materna e aprenderam o português quando passaram a frequentar a escola. Assim, devido à política linguística ainda vigente à época<sup>20</sup> e sendo o português a língua oficial do Brasil, sua expansão de uso na comunidade blumenauense deu-se de forma regular. O alemão ficou restrito ao ambiente familiar, conforme se observa na fala de muitos informantes, principalmente os mais velhos, que mencionam o uso que fazem da língua materna com os pais e os filhos.

No âmbito do bilinguismo, o interesse pela questão da língua materna está ancorado nos estudos pioneiros de Haugen e Fishman que, a partir dos anos 60, com as migrações para os EUA, preocuparam-se com o lugar e o papel da língua materna para os diferentes grupos migratórios. O interesse talvez tenha sido reforçado pelos dois aspectos seguintes: em primeiro, a realidade encontrada nos EUA caracterizava-se pelo plurilinguismo e, quem sabe, a língua materna pudesse ter um viés diferenciado nas diferentes migrações. Em segundo, mesmo permanecendo nos EUA, os migrantes

---

<sup>19</sup> Os números correspondem à ordem do registro das entrevistas no Banco de Dados VARSUL. Na entrevista de cada um desses informantes, há menções explícitas ao alemão como língua materna. Há, entretanto, entrevistas que sugerem o português como segunda língua (3-7-8-10-13), e outras que indicam o português como língua materna (6-17-19-24). Nas demais entrevistas (4-12-16-18), os informantes afirmam ter como língua materna o português.

tinham os olhos voltados para o país de origem, fator importante para a manutenção da sua língua materna (DE HEREDIA, 1989).

Esse vínculo com o país de origem é evidenciado por meio das atitudes que os locutores manifestam em relação à língua, não só à língua materna, mas à língua usada pela comunidade na qual estão inseridos. Esse ponto é ilustrado por De Heredia (1989, p. 178-179) a partir de um exemplo, caricatural, mas real, de uma senhora argelina que, há muitos anos, chegou à França com seus filhos. Como os filhos, nascidos nesse país ou para ele migrados ainda pequenos, foram escolarizados com outras crianças francesas, terão menos ligação com o país de origem dos seus pais. Os pais, por sua vez, principalmente as mulheres, tenderão a usar muito mais a língua materna, pelo menos no espaço familiar. Algo semelhante acontece com alguns informantes de Blumenau. Os pais, em geral, da terceira geração, tendem a preservar a língua materna, o alemão, ao contrário dos filhos, que tendem a priorizar o português. E até mesmo entre os filhos observa-se uma diferença: os mais velhos tendem a entender e a falar; já os mais novos entendem, mas falam e respondem em português.

### **Transferência lexical e variáveis externas**

A escolha da língua não é aleatória, mas motivada por fatores, como os lugares que ocupam os sujeitos da conversação, os próprios sujeitos, a frequência de uso de uma determinada língua em uma determinada situação, o grau de bilinguismo dos participantes. O falante bilíngue dispõe, além da competência linguística, para usar a terminologia criada por Hymes e Gumperz (*apud* DE HEREDIA, 1989, p. 180), uma, poderíamos dizer, competência social. É como se ao funcionamento das línguas fosse acrescida uma percepção das regras de uso que regem a própria competência linguística (DE HEREDIA, 1989).

Nessa mesma linha de valoração dos fatores externos segue Altenhofen (2003), que, ao tratar do Hunsrueckisch<sup>21</sup>, defende a complexidade de uma pesquisa sobre empréstimos lexicais; nesse estudo específico, empréstimos do português para o alemão, como as seguintes palavras: crioulo e laranja-umbigo. O autor não situa o Hunsrueckisch

---

<sup>20</sup> Esse ponto será retomado na seção seguinte.

<sup>21</sup> Variação híbrida da língua alemã desenvolvida no Brasil por imigrantes alemães provenientes da região do Hunsrueck, cujo dialeto é o francônio-renano/francônio-moselano (cf. SPINASSÊ, 2008, p. 119).

como um dialeto homogêneo, mas como dependente de dimensões como a diatópica. Assim, seu uso dependerá da região em que é falado e da variedade do português ao qual é exposto, resultando em um *continuum* de difusão lexical. Spinassè (2008) também analisa o Hunsrückisch, apresentando exemplos de empréstimos do português que já fazem parte dessa variedade, ainda que na Alemanha houvesse a mesma palavra. Segundo a autora, o prestígio social do português favoreceu a integração linguística.

As variáveis externas, nesse sentido, não atuam isoladamente. De Heredia (1989, p. 178) lista nove fatores sociais que podem contribuir para a manutenção ou abandono da língua de origem. Dentre esses, merece destaque o seguinte: *a política do país receptor no que se refere à imigração em geral e a essa, em particular, e suas repercussões, principalmente na educação*. Esse fator social pode ser desmembrado em alguns a ele correlacionados: a proibição de falar alemão durante a Segunda Guerra Mundial; a perseguição aos falantes de alemão, resultando em tortura e mortes; a instituição do português como a única língua a ser estudada na escola. Nesse sentido, evidencia-se a pertinência da colocação da autora de identificar uma conjugação de fatores na análise da produtividade de uma língua materna. No caso de Blumenau, observa-se a correlação dos três fatores descritos para a diminuição do uso do alemão.

Reinecke (2006, p. 49) ilustra muito bem esses acontecimentos históricos. A fundação de Blumenau data de 1850, com população constituída predominantemente por alemães monolíngues até 1889, ainda que caracterizada pela diversidade dialetal. Novos agrupamentos de imigrantes chegam à cidade no período de 1889 até o início da Primeira Grande Guerra, porém não só imigrantes alemães de diferentes regiões do país de origem, como também populações sem ascendência alemã, como poloneses, russos e húngaros. De Heredia (1989, p. 178) cita a renovação por novas chegadas como um fator para a manutenção ou para o abandono da língua materna. No caso de Blumenau, esse fluxo populacional favorece o início do bilinguismo urbano.

Do início da Primeira Grande Guerra até o final da Segunda Guerra Mundial, de 1914 a 1945, uma sucessão de fatos enfraquece a identidade da população com a língua alemã: o Brasil declara guerra à Alemanha em 1917, as escolas e qualquer organização alemã são proibidas até o final da Segunda Guerra Mundial, o uso da língua alemã é

proibido a partir do Estado Novo, a industrialização e a urbanização acentuam-se (REINECKE, 2006, p. 49)<sup>22</sup>.

Além desses fatores, podemos mencionar mais alguns. Há um consenso entre muitos informantes de que a tradicional festa realizada em Blumenau no mês de outubro, a Oktoberfest, não é mais uma festa alemã. A iniciativa de realização desse evento surgiu em decorrência da enchente que prejudicou muito a cidade em 1984. O objetivo consistia em arrecadar fundos para reestruturar o município e renovar a esperança dos moradores. Entretanto, ao longo dos anos, o foco tem se deslocado para o turista, de vários lugares do país, que comparece de forma expressiva ao evento. Muitos informantes relatam que não participam mais da festa, porque a tradição germânica não é o principal atrativo. Ainda há, claro, desfiles, bandas e apresentações de grupos da cidade, mas, durante o evento, todo o comércio volta-se para o turista, inclusive com aumento abusivo no preço dos produtos, causando desgosto em muitos dos entrevistados.

Há, ainda, atitudes negativas associadas ao alemão. Um informante menciona que, na sua época, era comum falar alemão, mas na época do seu filho, com seis anos em 1994, quando a entrevista foi realizada, ser alemão é uma exceção. Seu filho, embora entenda a língua, não a usa, principalmente porque já foi motivo de risadas na escola justamente por falar alemão. Uma outra informante relata que sua filha, cuja língua materna é o alemão, enfrentou dificuldades na escola, ministrada em português. Inclusive a professora pediu à mãe que falasse mais em português, pois a mistura de línguas estava atrapalhando o desempenho de sua filha. Na verdade, os falantes de uma língua não deixam de transmiti-la aos filhos simplesmente porque não querem ou não gostam, mas porque desejam que seus filhos tenham melhores chances na vida se a substituírem pela língua de prestígio. Portanto, há uma aparente liberdade na escolha linguística; fatores psicológicos e sociais interferem nessa opção, podendo-se, inclusive, falar-se de elementos coercitivos (cf. KAUFMANN, 2004).

---

<sup>22</sup> Em uma das entrevistas de Blumenau, a de número 03, há uma passagem muito interessante, em que o informante, embora perceba o uso bastante frequente do português em detrimento do alemão, não julga ser ruim, pois, se não houvesse a industrialização e a migração de pessoas vindas da Argentina e Paraguai, por exemplo, Blumenau ainda viveria somente da roça.

Entre o final da Segunda Guerra Mundial e 1970, é permitida a retomada do ensino do alemão em Blumenau, evidenciando-se uma clara divisão entre zona rural e zona urbana: na zona rural, houve uma tendência ao monolinguismo alemão, devido, principalmente, à falta de escolas que difundissem o português. Na zona urbana, ao contrário, devido à própria urbanização e contato com imigrantes de outras línguas, passou-se de um estágio de bilinguismo urbano a um monolinguismo em português (REINECKE, 2006, p. 50). E a difusão do português explica o estigma mencionado pelos filhos dos informantes ao ingressarem na escola. De 1970 até os nossos dias, há uma maior difusão do ensino do alemão; ainda assim, os efeitos da repressão e da migração favorecem o monolinguismo urbano e a diminuição do bilinguismo rural (REINECKE, 2006, p. 50). As gerações mais novas, em geral, ou são bilíngues passivos (entendem, mas falam em português) ou não têm interesse em aprender a língua alemã.

Ainda assim, ao ler as 24 entrevistas, percebe-se, embora com pouca recorrência, a transferência de palavras alemãs no texto em português. E esse léxico utilizado igualmente responde a efeitos contextuais, como o tópico conversacional. Segundo Mackey (1972, p. 573), a interferência é textualmente dependente, i.e., a interferência varia de texto para texto. E nesse sentido, a descrição das interferências requer um procedimento cuidadoso: identificar, claramente, quais são os elementos introduzidos; observar se a substituição lexical, por exemplo, implica algumas modificações e medir a extensão da interferência (se pouco ou muito intensa). Especificamente acerca do léxico, para o autor (1972, p. 575), há *the introduction of foreign forms into the speech of the bilingual, either as units or as structures*. Mais, de acordo com o autor, ainda é necessário observar se o item lexical está integrado ao dialeto ou se ocorre em um enunciado particular de um bilíngue. Com relação à presente pesquisa, tratarei de transferência lexical identificada na fala de entrevistados específicos.

### **Recorte e análise dos dados**

Das 24 entrevistas analisadas, as seguintes não apresentaram transferência lexical: 03, 04, 09, 12, 13 e 22. Ainda, alguns dados não foram considerados na análise, como: nome de instituições (jardim de infância (1)), de lugares (2), bairro (3), rodovia



(4), shopping (5), nome de ruas (6), de animais (7) e outros, como: fabricante de carro (Volkswagen), marcas de produtos (como marca de fermento Fleischmann) e antropônimos.

- (1) Porque nós temos aqui em Blumenau também, um jardim de infância, que é o **KINDERGARTEN**, né? (est) e ela participa ali, entende. [Elas têm]- [ela <par->]- (hes) pertence pra Igreja Adventista, e lá eles têm um culto alemão também. (est) Ela canta lá muitas músicas sacras, músicas de igreja deles lá, (est) tudo em alemão, né? Isso aí é pra manter, a tradição ainda, né? Portanto quando Harold Paul [tiver]- teve aqui no Brasil, agora há poucos tempos atrás ali, (est) ela foi receber ele. Era a turminha dela, ela estava na frente [<co->]- eles improvisaram uns instrumentos lá de madeira e lata e coisa e tal, então, ele no subir aí [no]- na escadaria do **KINDERGARTEN**, [ela]- os dois batiam e cantavam, foi um troço chocante (inint) assim, né? ver aquelas crianças, todas ali de quatro, cinco anos, ali fazer [aquele]- (est) aquela música pra eles, né? e todos vestidos com roupas germânicas, todos ali, né? (08, L 168-181)
- (2) Ou ia pescar, fazia pescaria, ia fazer passeio (hes) ciclístico, a gente fazia também- [De dizer]- ia no Morro do Baú, hoje em dia chama Refúgio lá atrás, mas naquela época aquilo não existia lá, assim, ainda, né? E nós íamos pra lá, íamos para o morro do (**SPITZKOPF**), todos de bicicleta. (10, L358)
- (3) ...depois de casado, eu moro aqui no **BADENFURT**, agora, né? (est) há dois anos, mais ou menos. (11, L9389)
- (4) ...aquela da rodovia **KARSTEN**, aqui,... (11, L1358)
- (5) Que nem aqui [no]- no shopping **NEUMARKET**. (12, L241)
- (6) Assim, nome [<pap->]- (hes) popular dessa rua, né? dessa estrada. (est) Estrada da Cachaça, (est) Rua da Cachaça. Alemão era: **SCHNAPSSTRASSE**. (15, L272)
- (7) e tínhamos também uma vaca Jersey que o nome dela até me lembro [de]- [<ho->]- hoje que era estrela o nome, quer dizer em alemão **ESTER**, né? (20, L21)

Na sequência, serão destacados trechos de fala que apresentam transferência lexical, com o objetivo de explicar o uso dos itens lexicais identificados na fala dos informantes com base no referencial teórico apresentado.

A análise das 24 entrevistas revelou três instâncias nas quais as palavras podem ser agrupadas: culinária, família e outros valores culturais.

(i) **instância: culinária**

- (8) A informante sabe preparar pratos típicos, como o marreco. Em seguida, menciona: [Tudo] isso acompanha [o]- o marreco. E o (**EISBEIN**) daí [tu]- é o Joelho de porco, no caso, né? (01, L53)
- (9) A informante menciona que sabe fazer muitos pratos alemães. Diz: *A gente faz (chucrute) com **EISBEIN**, né?* (02, L515) O entrevistador diz que não sabe, e a informante diz que é Joelho de porco. Ela segue conversando com o entrevistador: *Tu não conheces? (f) (risos E) É que, (hes) em alemão é **EISBEIN**, né? (est) A maioria chama assim, né? (est) Então, isso ali a gente sabe fazer, né?* (02, L522) Além disso, faz marreco, repolho roxo, chucrute.
- (10) E também tem o tal do **EINBEIN** que eles dizem, né? (risos F) também comem, né? (07, L429) (...) [Gostoso!] **EISBEIN**. (est) É (hes) a perna de porco, assim, né? (est) (hes) assim, eu acho que é, e [não]- não pode dizer, né? que se é uma comida alemã ou europeia (hes) (inint) qual é p costume, né? (07, L433)
- (11) [Nós aqui] casa mais é que se usa é (inint) fazer um <churrascuzinho> ou galinha ensopada, aipim, (est) macarrão e as [o]- verduras que acompanham, por exemplo um chucrute (est) [ou]- que é chamado como **SAUERKRAUT** em alemão, né? (08, L 726)
- (12) Ent.: E nessa Oktober faz-se muito chucrute?  
Sim, ali também tem. Tem o chucrute com **EISBEIN**, né? que é [aquela carne]- Joelho de porco, né? (est) eles fazem. (8, L752)
- (13) [O doce] alemão que eu sei fazer [é]- que é o **APFELSTRUDEL**, né?  
(10, L642)
- (14) Ah, isso aí, (risos F) [nós <so->]- nós somos craques. Começamos comer seis horas da manhã, às nove horas, tem **FRUHSTUCK**, (risos F) meio dia tem almoço, às três horas tem café da tarde, (risos E) às seis horas tem janta e de repente às oito horas, (est) tem mais [um]- um (risos F) café. (risos geral) (11, L1169)
- (15) Ent.: [Mas o [senhor falou]- [o senhor falou]- mas o senhor falou um nome <fritchia>?  
Ah, o **FRUHSTUCK**, [é.] (11, L1196)  
Ent.: [O que] que é isso?

(hes) **FRUHSTUCK** [é o]- é o que antecede ao almoço, né? (est) é (hes) entre o café da manhã (est) e o almoço, aí tem o **FRUHSTUCK**, que é (hes) nove horas, né? (11, L1198-1200)

Ent.: Eu pensei que fosse um prato. (risos E)

Não, **FRUHSTUCK** ele [é]- normalmente é o pão e café e (est) alguma coisa assim, né? (est) (11, L11203)

(16) Quando perguntada sobre as comidas típicas que oferecem na Oktober, diz:

Marreco, (inint), aquele **EISBEIN**, que eles chamam (assim), que é perna de porco com a pele, (est) assim (inint) começo da perna (inint) com o Joelho de porco (inint). (est) (14, L44)

(17) Tinha [uma]- (hes) mais ou menos o formato de um ovo, né? (est) pouco menor, né? (est) Quer dizer, em alemão chamava até- (hes) bala fio de ovo, **EIERBOMBOM**. (15, L395)

(18) [Nós (inint) aqui, (hes)]- aqui essa região aqui é o seguinte: não é de um estar na porta do outro. O pessoal aqui, mais no interior, o colono gosta de fazer aquele aniversário, então fim de semana faz aniversário. Então convida pra ir no aniversário, [mai]- [come (hes)]- come [o]- o <**STREUSEL**> como o alemão disse <**STREUSEL**>, [<cu->]- [a <cu->]- a cuca de queijo, (hes). (16, L1248)

.1□ Eu sei fazer o Joelho de porco, né? que é o **EISBEIN**, que eles chamam aqui, que é fácil de fazer, ou Joelho ensopado, purê de batatas, o chucrute. Isso tudo eu sei fazer, sim. (17, L1093)

(20) Outros pratos então têm o **EISBEIN**, né? **EISBEIN** quer dizer que é o Joelho de porco com chucrute, [com]- (est) repolho, né? (20, L726)

De acordo com alguns autores, situações de diminuição do bilinguismo em direção ao monolinguismo revelam que a culinária é a instância mais resistente ao desaparecimento, i.e., enquanto falantes podem mudar seu modo de vestir, em favor da vestimenta característica daqueles da língua do superstrato, a comida tende a ser preservada. Inclusive pode haver a perda da língua materna, entretanto a preferência pelos pratos característicos de determinada etnia apresentam uma maior constância. E é para essa direção que os dados apontam: das três instâncias lexicais, a culinária é a que apresenta maior número de ocorrências.

Conforme os trechos de fala (8-20), há 5 referências diretamente ligadas à culinária alemã: Eisbein (10 ocorrências), Streusel (2 ocorrências) e Sauerkaut,

Apfelstrudel e Eierbombom (cada qual com uma ocorrência). Há um outro item lexical, com uma certa recorrência, mas que se vincula à culinária de uma forma direta. Alguns informantes mencionam Frühstück (5 ocorrências), que significa *café da manhã*.

**(ii) instância: família**

- (21) E era um aprendizado mais profundo, mais demorado, lógico! (est) Mas a gente sabia como juntar um a com eme, um a com esse, um a com tê. Aprendia primeiro as letras todas, (est) e depois fazia <dois>- duas letras, depois três. Aí, geralmente, já dava pra formar [um]- uma palavra, (est) né? **OMA**, **OPA**, ou então palavras curtinhas e depois maiores, né? o pai, a mãe, (est) tio, tia. (05, L988)
- (22) Então vai lá fechar, **OMA**, ele disse, depois ela foi subindo. (06, L1015)  
(Foi seu neto que falou.)00000
- (23) Mais tarde, onde que surgiu a nossa família que nós temos, que o **OPA** só teve dois filhos homem, (est) mais a (inint) mulheres, né? (est) (08, L27)
- (24) Às quintas-feiras à tarde, então, é tirado o dia pra ela (pra neta), né? Tanto eu como a **OMA**, né? a minha senhora, então tira a tarde. [Ela <jog->]- ela joga canastra, com aquela (est) idade. Joga canastra, joga um pifezinho, pra jogar. [É]- é divertida mesmo, né? (08, L238)
- (25) O meu pai apesar de ser de origem alemã, [ele nunca]- ele nunca aceitou, ele era anti-nazista, assim, sabe? (est) E ele falava muito pouco, inclusive (hes) a gente tinha curiosidade, perguntava alguma coisa, e ele fazia questão, assim, de ficar bem neutro. [Ele]- [ele]- [não]- a gente nunca chegou saber o que, na verdade que ele tinha [essa]- essa aversão, né? [à]- à origem alemã, tanto [que ele]- (hes) a gente sempre dizia: "Ah, como é que foi, como é que o ("**OPA**") veio pra cá?" Ele assim: "Ah, se quiser saber pergunta pra ele. E quando ele faleceu [ele era muito]- a gente era muito pequeno, então ficou sem [essa]- essa história, né? (18, L33)
- (26) Ent.: E a tua avó, assim, tinha alguma atividade [interessante nesse sentido?]  
[A **OMA**]- a **OMA** era só mais serviço caseiro, e serviço de roça eles não tinham, porque moravam aqui perto do centro urbano já quase. Tinha uma rocinha pequena, mas só com uma vaca em cima. (20, L311)

A segunda instância revela, no âmbito familiar, o vínculo dos informantes com os avós. Em geral, são os avós que chegam ao Brasil, vindos da Alemanha; em outros casos, são os avós que estimulam o estudo da língua alemã, bem como é com os avós

que os informantes, quando crianças, praticavam a língua. Essa importância da família transparece nos dados, pois, em todas as ocorrências, a avó (Oma, com 4 ocorrências) ou o avô (Opa, com 3 ocorrências) é mencionado.

Há que se fazer, apenas, uma ressalva aos dados (22) e (24). Em (22), Oma é a própria informante, chamada, assim, pelo seu neto. Em (24), Oma é a forma como o informante se dirige a sua esposa. Nesse fragmento, o informante fala sobre a visita da neta à casa deles. Nas demais ocorrências, Oma e Opa referem-se, respectivamente, à avó e ao avô do informante.

### (iii) instância: outros valores culturais<sup>23</sup>

- (27) Ent.: [Dizem que tem uma história] porque que tem esse nome, né?  
 (hes) Eu não sei bem a história, mas [deve]- deve ter [como]- como tudo aqui tem alguma coisa, né? (risos geral) Como aqui essa parte que nós moramos, antigamente era o Recanto dos Macacos. E era alemão: AFFENWINKEL. (05, L259)  
 [E]- na Alemanha até tem o acompanhante [do]- [do]- de São Nicolau que é o criado AFFENWINKEL. E ele é todo vestido de preto, (est) e com uma vara enorme nas costas. (05, L823) (...) E (hes) perguntava [e eu]- então o criado dele, né? ele batia [com a]- com a vareta (ruído) assim no chão, né? Que dizem que quando tinha uma criança malcriada, então esse criado, que é o AFFENWINKEL (est) ele batia nas crianças pra castigar. Também [tem]- tem <es->. Mas essa nunca chegou aqui. (05, L836)
- (28) [Ele]- (seu pai) [ele é]- [é]- ele é- [se <jo->]- [se]- se a Alemanha jogar, tá? pode ser com o Brasil ou pode ser com qualquer- [é]- tudo gira em torno- A Alemanha, né? é daquele sistema ainda- (est) É, em alemão (hes) [tem aquele]- [tem]- (hes) se diz assim (hes): "DEUTSCHLAND UBER ALLES," né? (hes) "Alemanha acima de tudo." Ele é daquele sistema ainda. (11, L521)
- (29) A única que ele sabia falar era help e NEIN, que ele dizia, né? "Na Alemanha, eu sei falar NEIN, se me disser alguma coisa, digo NEIN." (17, L962-963-964)
- (30) Então, você só vê mesmo esse negócio, quando você tem um desfile da oktoberfest, então, daí tem [aquelas]- carro de boi levando cerveja, o

<sup>23</sup> É necessário explicitar que tanto a culinária quanto a língua são instâncias que constituem a cultura. Entretanto, pela dificuldade em agrupar as ocorrências (27 a 34), optou-se pela denominação *outros valores culturais*.

**BIERGARTEN** levando cerveja e [as]- desfile [de]- [de]- [caça e]- (hes) clubes de caça e tiro, né? (19, L631) (...) A balsa era lá onde é o **BIERGARTEN** e lá onde está o Vapor Blumenau, (inint) bem na curva do rio, lá era a balsa, lá fazia-se a travessia. (19, L884)

- (31) É, aí tem jogos no estilo (hes) eles chamam de **KEGELBALL**, é [um]- [é um]- [é um]- um bolão, com bola de (hes) [bola]- não bola [de]- [de]- [de]- bola maciça, é uma bola de (inint), né? tipo uma bola de futebol. (19, L694)
- (32) Ela dizia (a tia de sua mãe), assim, com o pente na mão, [<pendia->]- penteando o cabelo dela: "**VERFLUCHTES HAARNEST, DA MUßT DER BLITZ REINFAHREN, DA DIE FETZEN SO FLIEGEN!**" (20, L484-485)
- (33) [A minha mãe]- os meus pais só falavam em alemão, mas só que o nosso dialeto era um dialeto diferente, viu? Era o **PLATTDEUTSCH**- **PLATTDEUTSCH**, é [uma]- (hes) bem diferente do que o **HOCHDEUTSCH**. Aqui (hes) em geral é o **HOCHDEUTSCH**, né? é [uma]- um dialeto diferente, viu? E são os mais- Não sei, é [de um]- de uma parte da Alemanha. O **HOCHDEUTSCH** (hes) vem de uma parte da Alemanha e o **PLATTDEUTSCH** também de outras partes da Alemanha, né? E [nós]- então, nós éramos os **PLATTDEUTSCH**, que nós nascemos lá embaixo, perto de Florianópolis, em São Pedro. (23, L315-316-317-318-321-322-324)
- (34) Bom, a festa pra mim, aqueles primeiros anos que eu estava falando era fantástico, como diz em alemão, **WUNDERBAR**. (24, L241)

A terceira instância agrupa situações diversas da cultura alemã, como:

- a) o Natal (27): a palavra é Affenwinkel, com 3 ocorrências;
- b) Oktoberfest (30): Biergarten, com 2 ocorrências;
- c) o jogo de bocha (31): Perball, com 1 ocorrência;
- d) a diferença entre o alto (Hochdeutsch, com 3 ocorrências) e baixo alemão (Plattdeutsch, com 4 ocorrências) (33)
- e) palavras (Nein, com 3; Wundervoll, com 1) ou frases da própria língua (28-29-32-33).

### **O perfil dos informantes**

Conforme mencionado em 4, das 24 entrevistas analisadas, as seguintes não apresentaram transferência lexical: 03, 04, 09, 12, 13 e 22. Os demais informantes, ao contrário, usaram uma ou mais palavras de origem alemã. O quadro abaixo esboça o perfil dos 24 informantes, quanto aos seguintes fatores: uso da língua pelos pais, uso da língua pelo informante, menção à repressão, papel da escola. Os números na primeira coluna correspondem ao número de cada entrevista, conforme organização do Banco do Projeto VARSUL; os números acompanhados por um asterisco correspondem aos informantes que não usaram itens lexicais alemães.

Nº.	Uso da língua		Menção à repressão	Papel da escola	Atitude
	Pelos pais	Pelo informante			
1	Os pais só falavam alemão em casa. A mãe ainda fala com a informante. Não há menção ao pai.	Fala e entende alemão, lê e escreve pouco.	Sem informações.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – importância da língua para conseguir emprego.
2	Os pais têm pouca fluência em português, portanto o alemão é sua <b>língua materna</b> .	Tem o alemão como <b>língua materna</b> e só fala esse idioma com os filhos, em casa.	Sem informações.	Sua professora só falava em português, e não era permitido falar alemão na escola.	<b>Positiva</b> – ensina a língua aos filhos.
3*	Escrevem e leem somente em alemão.	O informante é bilíngue e pratica a língua alemã com sua esposa.	O avô do informante faleceu aos 52 anos, vítima da repressão.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – pratica o idioma e mantém as tradições germânicas.
4*	Pai monolíngue em português.	É monolíngue em português.	Sem informações.	Sem informações.	<b>Não muito positiva</b> – embora trabalhadores, os alemães são invejosos.
5	Os pais só falavam alemão em casa. A <b>língua materna</b> do pai é alemão.	Tem o alemão como <b>língua materna</b> .	Mesmo com a repressão, o idioma continuava sendo praticado em casa.	As escolas não ensinavam mais a língua alemã.	<b>Positiva</b> – conhecer a língua alemã é ter uma boa base.
6	Os pais têm o alemão como <b>língua materna</b> . A mãe escreve e fala bem o idioma.	Embora não saiba escrever em alemão, fala o idioma. Ela tem um casal de filhos e diz que fala alemão com o filho.	O pai da informante passou um dia preso por falar alemão.	Não sabe escrever alemão, pois a escola não ensinava o idioma. Na escola, perdeu nota quando a professora a escutou falando alemão.	<b>Positiva</b> – a filha estuda alemão em um curso de idiomas, e o filho entende a língua (ainda que responda em português).
7	Os pais falavam	Afirma que não	O pai do	Sem informações.	<b>Positiva</b> - os filhos

	alemão e português em casa.	enfrenta problemas em falar alemão.	informante quase foi preso por falar alemão.		do informante entendem a língua.
8	Em casa, falavam somente alemão, tendo essa língua como <b>língua materna</b> .	Afirma ainda ser difícil falar português, inclusive não sabe algumas palavras nessa língua. Tem o alemão como <b>língua materna</b> .	Como era proibido falar alemão durante a Segunda Guerra, o informante apanhava na boca se usasse o idioma.	O informante e sua irmã frequentaram o Jardim das Irmãs, em Brusque, para aprenderem, muito rápido, a língua portuguesa.	<b>Positiva</b> – procura conversar em alemão com as pessoas para manter a tradição. Também aprecia as pessoas que sabem falar mais de uma língua.
9*	Os pais praticavam alemão em casa.	A língua alemã deixou de ser praticada.	Sem informações.	Sem informações.	Sem informações.
10	O pai era natural da Alemanha, tendo o alemão como <b>língua materna</b> .	A informante fala alemão em casa com o marido e os filhos, porém esses respondem em português.	O pai da informante foi preso por falar alemão.	A escola era somente em português, mas a doutrina podia ser em alemão. Afirma que a escola prejudicou sua fluência no alemão, pois era exigido que se usasse o português.	<b>Positiva</b> – os filhos da informante entendem alemão. Além disso, menciona que <i>muito a escola estraga</i> (989).
11	O pai é natural da Alemanha, sendo o alemão a <b>língua materna</b> . Em casa, os pais somente falavam alemão.	O informante, que tem o alemão como <b>língua materna</b> , ainda fala o idioma em casa com os dois filhos, embora o menor, de seis anos, responda mais em português.	Sem informações.	A sua época, a escola era em português. O informante menciona que teve muita dificuldade com a língua portuguesa.	<b>Positiva</b> – os dois filhos entendem alemão, embora o mais novo responda mais em português que a irmã, de 15 anos.
12*	Os pais falam alemão, porém o português é mais recorrente.	Se precisar, o informante fala alemão.	Sem informações.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – o blumenauense deveria aprender, no mínimo, três línguas: uma delas, o alemão.
13*	Os pais têm o alemão como <b>língua materna</b> .	A informante também fala alemão.	A casa de seus pais foi invadida algumas vezes.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – ainda que, em geral, os filhos respondam em português, entendem alemão.
14	A mãe tinha o alemão como <b>língua materna</b> . Não há informações sobre o pai.	Tem o alemão como <b>língua materna</b> . A informante e o marido falam alemão.	A perseguição aos falantes de alemão era intensa, podendo serem presos e terem a casa vasculhada.	Sua professora parou de lecionar, pois era de origem alemã. A informante frequentou um colégio interno para não usar o alemão.	<b>Positiva</b> – o único filho da informante fala alemão, embora, por entrar na escola, use mais a língua portuguesa.
15	Os pais têm o alemão como	A <b>língua materna</b> do informante é o	A escola que frequentava foi	Na sua primeira escola, aprendeu a ler	<b>Positiva</b> – às vezes, assiste ao canal



	<b>língua materna.</b>	alemão.	fechada pouco antes do início da Segunda Guerra.	e a escrever em alemão.	alemão Deutsch Welle.
16 <sup>24</sup>	Sem informações.	A língua materna do informante é o português.	Sem informações.	Sem informações.	Sem informações.
17	O pai é de origem italiana; a mãe, alemã. Aprendeu alemão na escola. Ainda fala o idioma e com bastante frequência.	A informante não sabe falar alemão e entende muito pouco.	A família de sua mãe foi proibida de falar alemão na época da Segunda Guerra.	Sem informações.	Sem informações.
18	O pai fala alemão com a própria mãe, embora não tenha estimulado os filhos a aprenderem. A mãe da informante é de origem polonesa e sempre quis que a filha aprendesse polonês.	Não há passagens na entrevistas que revelem se a informante sabe, mesmo que pouco, alemão e polonês.	Sem informações.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – a informante se ressentida de nunca ter aprendido alemão, principalmente visando a parte profissional. E ainda pensa que as escolas deveriam ensinar a língua.
19	Sem informações.	Sem informações.	Seu avô foi perseguido na época da guerra por falar alemão.	Sem informações.	<b>Positiva</b> – fala muito sobre o clube Vinte e Cinco de Julho, que resgata as tradições germânicas.
20	Sem informações.	Ainda fala alemão.	A propaganda contra a Alemanha durante a Segunda Guerra contribuiu para a diminuição no uso do alemão. Seu bisavô foi preso por falar o idioma.	As escolas já não ensinavam mais a língua alemã.	<b>Positiva</b> – incentiva a filha mais nova a aprender a língua alemã. Sente-se frustrado pelas tradições germânicas estarem se perdendo.
21	Em casa, falavam somente a língua alemã.	A informante tem o alemão como <b>língua materna.</b>	Sem informações.	Uma das razões por ter ido à escola foi para aprender português.	Sem informações.
22*	Em casa, falava-se somente alemão.	Embora com pouca prática, ainda fala alemão.	Seus pais decidiram não falar mais alemão. O pai da informante foi		<b>Pouco positiva</b> – quer evitar sofrimentos dos filhos, mas eles rezam, pelo menos,

<sup>24</sup> Boa parte da entrevista concedida pelo informante número 16 focaliza o tema *política*.

			ameaçado.		uma oração em alemão.
23	Os pais somente falavam alemão.	O informante ainda entende alemão, mas não fala muito bem.	Foi convocado para atuar na guerra.	Sem informações.	Menos positiva - Sempre preferiu o português ao alemão.
24	Sem informações.	Sem informações.	Sem informações.	Sem informações.	Sem informações.

Como vimos acima, a história de vida de cada informante fornece indícios que justificam tanto o uso como a ausência de palavras da língua alemã em sua fala. Quem são, então, os informantes que não empregam nenhuma palavra em alemão?

O informante número 03, de 46 anos, é bilíngue português-alemão, bem como sua esposa. Sua entrevista revela uma atitude positiva em relação à língua alemã, seja na preservação de tradições, como na própria prática do idioma com sua esposa. Segundo ele, seus pais escrevem e leem somente em alemão. Durante a Segunda Guerra Mundial, em que era proibido falar alemão, o avô do informante foi torturado e morto aos 52 anos de idade.

O informante número 04, de 25 anos, mostra-se distante da língua alemã, não só por ser monolíngue em português, conforme consta em sua ficha social, quanto pela seguinte passagem. *[Mas] [a]- de alemão eu tenho muito pouca coisa, sabe? muito pouca coisa, que é só essa lá, essa, a avó do meu pai [que]- (est) que é alemã, sabe?* (1094-1097) Além disso, o informante não possui uma imagem muito positiva dos alemães que são donos das empresas existentes em Blumenau.

A informante 09, de 44 anos, quando pequena, falava alemão em casa, língua que deixou de ser praticada por causa do pouco estímulo dos pais e por causa da escola. Como não há prática, ela já não ensina para seus três filhos. Mas, quando solteira, pelo contato direto com os pais, falava muito alemão. Depois de casada, como pais e filhos se encontravam menos, a língua foi se perdendo. Inclusive seus filhos falam: *Puxa! eu podia ter aprendido o alemão* (L76). Também o fato de ter em casa empregada ou diarista falante de português contribuiu para a diminuição da prática da língua alemã.

O informante 12, de 40 anos, revela que seus pais falam alemão e sua avó também falava, mas só falam se precisar. Segundo o informante, *o mais é brasileiro porque hoje em dia também quase tem pouca gente que fala. Mas quando precisa falar em alemão a gente sempre se vira.* (L18-21) Provavelmente a origem da mãe tenha

contribuído para a diminuição no uso do alemão: sua mãe e sua avó materna são descendentes de italianos, ao contrário da avó paterna, descendente de alemães. Em função disso, falavam em casa *mais o brasileiro* (L371), e o alemão somente foi adquirido por influência da avó paterna.

O informante 13, de 68 anos, fala alemão, inclusive essa é a língua materna de seus pais. Menciona, ainda, que seus filhos entendem a língua, mas respondem em português. No período da guerra, a casa de seus pais foi invadida por policiais, e todos foram presos: pais, tios e crianças. Por fim, a informante 22, de 58 anos, tem uma atitude positiva em relação à língua alemã, embora pratique menos. A repressão durante a Segunda Guerra talvez justifique o menor uso da língua. Na época da guerra, seu pai foi ameaçado de ser preso por falar alemão. Até mesmo, se seu filho, irmão da informante, falasse alemão, o pai poderia ser preso, uma vez que a prisão de crianças era proibida. Por essas razões, a informante não insistiu para que seus filhos falassem a língua e também por isso ela, quando casou, decidiu morar em uma região de descendentes italianos, pois não sabia por quais situações poderia passar.

Os informantes que usam palavras em alemão são mais numerosos e, mesmo não havendo informações e dados suficientes que permitam tirar conclusões fundamentadas, pode-se citar os seguintes fatores como favorecedores ao emprego da língua alemã:

- ❖ os pais (ou pelo menos um deles) terem o alemão como língua materna ou, ainda que tenham o português como primeira língua, pratiquem-no em casa com os filhos;
- ❖ o próprio informante ter o alemão como língua materna ou, pelo menos, praticar o idioma com sua família, estimulando sua prática com os filhos;
- ❖ atitude positiva em relação à língua alemã, seja no incentivo à aprendizagem da língua pelos filhos, seja pela menção às oportunidades de emprego pelo conhecimento do idioma, seja pela preservação das tradições germânicas.

Por outro lado, como provável fator inibidor do uso de vocábulos germânicos, pode-se mencionar a interferência da escola no abandono progressivo da língua alemã, a partir do momento em que apenas a língua portuguesa é permitida. Somam-se a isso a

falta de prática da língua alemã no âmbito familiar e o desinteresse pela aprendizagem do alemão pelas gerações mais novas

### **Considerações finais**

Neste artigo, procurou-se identificar os itens lexicais alemães utilizados pelos informantes e correlacioná-los ao tópico conversacional. As instâncias identificadas e analisadas descrevem transferências de itens lexicais do alemão para o português, bem como correlacionam esses empréstimos ao tópico conversacional, que, conforme indicado, centra-se na culinária, na família e em outros espaços da cultura alemã. Apesar da história individual de cada informante, foi possível identificar possíveis fatores para a prática de alemão ainda existente em algumas famílias, bem como aventar motivações para a diminuição no uso dessa língua.

### **Referências**

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. In: **RILI II**, 1(3), p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, C. V. O contato entre o português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch. In: **Palavra**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 146-166, 2003.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Language contact and bilingualism**. London; New York: Arnold, 1992 [1987].

DE HEREDIA, C. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 177-220, 1989.

KAUFMANN, G. Language maintenance and reversing language shift. In: MATTHEIER, K.; TRUDGILL, P.; DITTMAR, N.; AMMON, U. (Org.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society**. Berlin/New York, 2004.

KIELHÖFER, B.; JONEKEIT, S. **Zweisprachige Kindererziehung**. Tübingen: Stauffenburg, p. 7-8, 1983.

MACKAY, W. The description of bilingualism. In: FISHMANN, J. (eds.) In: **Reading in the sociology of language**. The Hague: Mouton, p. 554-584, 1972.

REINECKE, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SPINASSÈ, K. P. O hunsruckisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. In: **Espaço Plural**, Ano 9, n. 19, p.117-126, 2008.

VANDRESEN, P. O ensino do português em áreas bilíngues: uma perspectiva histórica. In: **Abralin**, vol. 1, p. 317-320, 1996.

WEINREICH, U. The problem of approach. In: **Languages in contact: findings and problems**. Paris: Mouton, p. 1-6, 1974 [1953].